

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Labirinto do Conhecimento do Professor de História

Maria do Carmo Barbosa de Melo¹

Resumo: Explorar o pensamento histórico dos professores é fundamental, pois tem um papel central no ensino. Considerando a importância do atual debate sobre Educação Histórica, procuro neste trabalho focar um estudo, realizado com os professores de História, do Ensino Médio, da cidade do Recife, das concepções históricas que permeiam no imaginário desses docentes.

Palavras-chave: Educação Histórica, Epistemologia, Pensamento do Professor.

Abstract: It is very important to assess the historical thoughts of teachers, for it plays a central role within teaching. In this work, by considering the current debate about History education, I try to focus on an inquiry into the high school teachers of Recife. That research tried to analyse the existent History conceptions among those teachers.

Keywords: Historical Education, Epistemological, Teacher's Thought

Já algum tempo, por intermédio de seus historiadores de ofício, a disciplina de História tem sido palco de discussões, especialmente sobre sua identidade, limites e fronteiras. Gostaria de começar esta reflexão em torno da dimensão do conhecimento histórico do professor de História, considerando a importância desses profissionais no processo de construção e reflexão de conhecimentos que exercitem e desenvolvam o potencial crítico, através de um esforço inteligente de assimilação, de criação e de questionamentos nas práticas educativas.

A consciência que se tem hoje de História é muito diferente da do passado. O entender a História hoje parece exigir, ao mesmo tempo, a consciência da historicidade de todo precedente e da relatividade de toda opinião, até porque, ninguém pode atualmente eximir-se da reflexividade que caracteriza o espírito moderno (BURKE, 1992; JENKIRE, 2001; REIS, 2000).

Resgatando uma breve história filosófica do sujeito, será importante relevar Kant, estimulado por Hume que, radicalizando o empirismo e seguindo as pegadas de Locke, busca destruir as certezas acerca do mundo, acerca do conhecimento, acerca da causalidade etc. Nessa perspectiva, Dray concorda que a ação é norteada pelo conceito do sujeito que interage, variando de historiador para historiador (1964: 44).

¹ Professora Doutora da Universidade de Pernambuco.

Achamos que o estudo das concepções históricas do professor é um caminho necessário, na busca de meios que possibilitem um diagnóstico de como este pensamento reflete na Educação Histórica.

Para a consecução deste resultado procurou-se criar um questionário aplicado a 119 professores de História, do ensino médio, com tempo de ensino que varia de 1 ano a 30 anos, lecionando na Rede Pública e Privada - confessional ou não – do município do Recife.

Neste artigo, apresentamos parte deste questionário² que procurava apurar as concepções históricas dos professores de História.

Na condição de prática social, a educação depende em muito da contribuição do conhecimento, especialmente no sentido do direcionamento de sua atividade específica, e também na tarefa de crítica à superação das impregnações ideológicas. Este conhecimento deve ser entendido ainda como diálogo entre conceitos e realidade social como construção de significados e relações entre pessoas, idéias e objetos no contexto de temporalidade, resultando em forma de comunicação que tem um significado construído em interpretações, permitindo alterar seu sentido a partir de uma diversidade de fatores (Schaff, 1978). Neste sentido procuramos apurar a adesão dos professores a cada uma das citações referentes a uma dada concepção sobre o conhecimento histórico. Partiu-se da consideração da profunda renovação teórica da História e, ainda, da necessidade de estabelecer relações entre a história desenvolvida pelo professor em sala de aula e as discussões historiográficas que poderão permear a prática. Tendo em vista, entre os objetivos do estudo, a identificação do imaginário do professor quanto ao seu posicionamento histórico, afigurou-se conveniente incluir definições de correntes de historiadores que, de alguma forma, influenciaram a produção historiográfica. Assim, utilizamos conceitos de influência historicista, com as citações de R. G. Collingwood; de influência dos Annales, com a citação de Marc Bloch; de natureza marxista, com a citação de Karl Marx; de penhor positivista, com citação de E. H. Carr; de índole estruturalista, segundo uma definição de Cristoper Llod; e tendência relativista, com citação de Paul Veyne; de postura, pós-modernista, com a citação de Cornelius Castoriadis; por fim, concepções perspectivista, com a citação de W. Dray.

Sendo a História-Conhecimento um termo polissêmico, no plano das concepções sobre o que é História, ocorrerão diferenças de sentido que, de uma postura à outra, poderão ser, segundo os casos, ou simples nuances ou variações radicais, sendo evidente que cada contexto se revestirá de um significado específico, muitas vezes irreduzível aos demais.

² Fez parte da investigação da minha Tese de Doutorado - O Labirinto da Epistemologia e do Ensino de História – Um Estudo em Recife – realizada na Universidade do Minho – Portugal.

Quanto à seleção das correntes apresentadas é importante justificar as escolhas. Primeiro entendemos a relevância histórica, ou seja, a forte tendência dos historiadores em respaldar suas produções, especialmente, em três “escolas” oriundas do século XIX: o positivismo, o historicismo e o marxismo, que, no dizer de Reis, “abriram o caminho para constituição das ciências sociais” (2000, p.42) e que continua influenciando, particularmente, o ensino brasileiro.

Em segundo lugar, as outras correntes que permeiam o mundo acadêmico, como as correntes de significações imaginárias e relativista, têm um significado forte, neste momento de premente necessidade de mudanças e que tem provocado uma inquietação permanente, traduzida, algumas vezes, em incertezas na procura do rumo da História.

Tivemos a preocupação de buscar o equilíbrio na renovação teórico-metodológica da História, quando fizemos citações de historiadores seguidores de várias correntes, algumas delas que têm garantido novas visões do Homem e da História, sustentada pela inovadora reconstrução do tempo histórico, como são os casos da escola de Annales e outras mais recentes, como a perspectivista. Nessa perspectiva, vamos procurar compreender como o professor concebe a História (relacionada com a sua função na formação ou na construção do conhecimento do aluno), bem como, qual concepção predomina no seu imaginário. Assim, citamos diferentes conceitos, criados por variados autores, em tempos diferentes, sem as respectivas identificações, e pedimos para o professor escolher a que mais se identifica com a sua concepção de História. No caso de não se identificar com as sugeridas, teria o professor opção de escrever a sua idéia. As afirmações selecionadas foram as seguintes:

História:

H.1 - “é o conhecimento que consiste nas convicções do historiador, harmonizadas com suas fontes” (R. G. COLLINGWOOD).

H.2 - “é uma ciência crítica e penetrante, apta a apreender a objetividade das realidades sociais e as possibilidades de uma mudança progressiva” (MARC BLOCH).

H.3 - “é a ciência que estuda a sucessão dos diferentes Modos de Produção, o processo real da vida” (KARL MARX).

H.4 - “é um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado” (E. H. CARR).

H.5 - “é o conhecimento da evolução, a longo prazo, das estruturas sociais, políticas e ideológicas no decorrer do tempo, dos aspectos materiais da totalidade social” (CHRISTOPHER LLOYD).

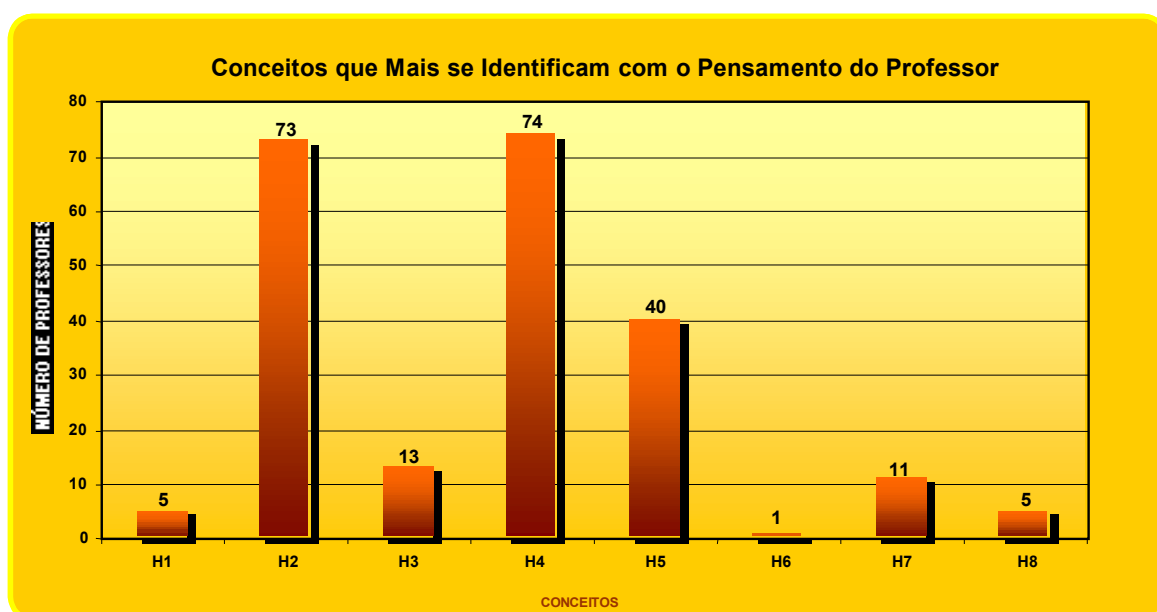
H.6 - “é, antes de tudo, uma arte literária, pois existe concretamente através

de um discurso, cuja “forma” é essencial” (PAUL VEYNE).

H.7 - “é a construção do imaginário com criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figura/forma/imagens” (CORNELIUS CASTORIADIS).

H.8 – “é uma construção de conhecimento guiado basicamente por juízo relativo a responsabilidade ou um conjunto de quase valores, compreendendo o que se pode chamar o ponto de vista do historiador (W. DRAY).

Considerando que alguns professores fizeram mais de uma opção, passaremos a analisar o Quadro abaixo que apresenta a distribuição de frequência dos conceitos identificados pelos professores:



Com base nas opções de escolha dos professores, foi possível identificar a articulação do discurso dos mesmos com o conhecimento histórico – as correntes do pensamento epistemológico - as quais procuraremos analisar em conformidade com o resultado apurado. Verificamos que uma parte considerável das concepções de História que permeiam o imaginário do professor liga-se a uma preocupação com o elemento factual, incessantemente em descoberta (H4 = N74) e com a objetividade do conhecimento da realidade social, progressiva (H2 = N73). Os conceitos expressos com maior frequência, inserem-se no pensamento epistemológico positivista e estrutural da História (H4 = N74 e H2 = N73), que parecem basear-se na concepção clássica da ciência, enquanto os conceitos que podem justificar uma provisoriade do conhecimento suscitaram uma grande rejeição (H6 = N1, H1

= N5 e H8 = N5). Foi possível evidenciar, ainda, que uma parte das opções pode se enquadrar numa perspectiva que mais se aproxima da escola determinista e a outra parte com a escola possibilista. A visão epistemológica determinista da História é indicada ao inscrevê-la nos grandes modelos que sobrevalorizam os acontecimentos com toda a verdade e crítica, a marcha da civilização, a identificação do fato, o acontecimento do passado com a realidade histórica concreta vivida (H2, H3, H4, H5). A História aparece, segundo estes professores, como uma ciência de cunho empirista, de objetividade “absoluta”, que consta um conhecimento comparado. Este conhecimento empírico parece ser positivista porque não possibilita emergir em sua análise, o questionamento do observável, aceitando diversos pontos de vista.

CARR dá suporte a esta idéia quando cita:

O historiador não deve errar nessas coisas. Mas quando pontos deste tipo são levantados, fazem lembrar a observação de Housman de que “exatidão é um dever, não uma virtude”. Elogiar um historiador por sua exatidão é o mesmo que elogiar um arquiteto por usar a madeira mais conveniente ou o concreto adequadamente misturado(1982, p.14).

A citação parece identificar-se bem com o positivismo que seria aquilo que renuncia à essência das coisas e limita-se à observação e experimentos dos fatos. Isso pode ser percebido quando 74 professores escolheram a concepção H4 e 73 professores a concepção H2, que são idéias ligadas a uma concepção básica da ciência histórica, fatos, tempo e realidade passada. Assim, a posição do professor parece mostrar que História é igual a Passado, que o conceito de História necessariamente mantém um compromisso com os fatos, registrados e que, com base neles, se encontra o conhecimento da realidade passada. Embora o homem se faça presente, ele permanece como objeto do conhecimento e deixa o fato ser o sujeito do conhecimento. Ora, o conhecimento histórico baseia-se na seleção factual, e versa diferentes concepções, o que leva a diferentes visões sobre o mesmo fato. Não será desejável que o professor se feche na idéia de que é possível reproduzir o passado com naturalidade absoluta, sem a intervenção do sujeito que estuda. Como pode desenvolver-se a prática do professor sem uma problematização das teorias da História?

Evidencia-se assim a separação do sujeito e objeto do conhecimento, o que poderá favorecer a apropriação, pela classe dominante, de interesses particulares, apresentando-os como universais, válidos para todas as pessoas. Dessa maneira não se garante estabelecer reflexões sobre as relações sociais, ou mesmo não se concebe que o saber se diferencia da experiência, científica ou não, porque o questiona e busca compreendê-la, interpretando-a,

pesquisando-a e refletindo-a sobre suas origens, formas, sentidos e direções possíveis.

Na amostra de 119 professores, 73 escolheram como opção, ou uma das opções, o conceito H.2. Tal abordagem foi percebida pela inserção nos conceitos de História que deve estudar a realidade social na perspectiva de compreendê-la objetivamente, numa tendência assumidamente de mudança progressiva. Nessa perspectiva, esses professores parecem ver a História como uma ciência abrangente, explicativa e crítica – “penetrante e apta a apreender a objetividade...” porém não definem seu espaço de conhecimento específico. Consta-se que o desenvolvimento deste saber específico não tem recebido a atenção que merece.

Parece ser pertinente tentar compreender as concepções de ciência, dos professores. Será que envolve o conceito cartesiano, privilegiando o científico em detrimento dos outros saberes? O conceito justifica-se como “ciência crítica e penetrante...”, o que poderá ter um cunho de explicação intencional, mais profunda do que a explicação científica de causas externas.

Portanto, as questões aqui levantadas são extremamente instigantes para o questionamento de tantas abstrações que os professores adotam, talvez sem se darem conta do seu posicionamento com relação às questões epistêmicas da História. A ausência, em tais conceitos, de questionamentos pertinentes aos novos desafios da sociedade, conduz à proximidade deste modelo a uma suposta neutralidade.

Aparece ainda um número considerável de opções, um total de 40, que escolhendo H5 justifica seu conceito de História como: “O conhecimento da evolução a longo prazo, das estruturas sociais, políticas e ideológicas no decorrer do tempo, dos aspectos materiais da totalidade social”. Nesta concepção, o conhecimento histórico privilegia a dinâmica estrutural da sociedade, ou seja, as modalidades da organização social; política e ideológica a História podendo ser explicada acima de tudo como processo evolutivo.

Parece existir na concepção desses professores, que a História é um conhecimento científico, e assim, pode estabelecer modalidades explicativas, segundo critérios de verdade. E, ainda, a existência de um único sentido da História, um progresso que se impõe como uma lei natural. O professor que alimenta esta concepção poderá não sentir a necessária motivação para articular recursos no sentido de agir na construção de mudanças significativas.

Alguns professores apresentam como modelo conceptual de História o H3 = N13, traduzido no pensamento de Marx, que coloca a História voltada ao processo “Real da vida”. Esses professores demonstram “coerência” com os que pensam ter sido Marx o maior construtor do entendimento da História, talvez para resistir as fortes influências sofridas na sua trajetória acadêmica, no período de sua formação inicial.

Através dos depoimentos emitidos de uns poucos professores, nomeadamente 16 respostas, em um conjunto de 222 opções (o professor teve a liberdade de fazer mais de uma opção), é possível perceber, que há algumas perspectivas de novas tendências, ainda que de forma embrionária, uma vez que a História não é entendida por estes professores como algo pronto, acabado, cujos elementos de análise histórica estão sempre em perfeita harmonia (H7 = N11 e H8 = N5). Para estes professores, o conhecimento histórico é produto das relações sociais historicamente construídas. Assim, para estes professores, o ensino de História deve estar embasado em fundamentos filosóficos, tecidos em diversas correntes - como é o caso da postura mais relativista de Castoriadis e da postura de perspectivismo moderado de DRAY.

A crise da modernidade afeta todo conhecimento, exigindo do historiador competência para resignificar a História e vislumbrando na resistência e na diversidade, estímulo para a reflexão e ação. Nessa perspectiva, o professor terá de perguntar: o que torna um conteúdo histórico? Se não deve ser possível atingir um tipo de conhecimento definitivo, até porque as teorias, nesse princípio, se revelam provisórias, podendo ser substituídas a qualquer tempo, os professores quando selecionam concepções como H1, H7 e H8 parece refletir o ensino de História ligado ao pluralismo, à mutabilidade, à abertura, ou seja, a provisoriedade. E levando o sentido de provisoriedade a uma postura céptica, representada pela afirmação de VEYNE (H6), constatamos que apenas um professor se identificou com uma idéia de História como arte literária.

Os resultados obtidos permitem sublinhar a importância das recomendações internacionais sobre a formação de professores de História que enfatizam a necessidade de relevar a formação histórica, numa perspectiva epistemológica. Assim, a idéia que a Filosofia da História interessa só os historiadores, ou seja, ao Currículo dos que optam pelo Bacharelado, justifica uma posição que parece em desacordo com as propostas de mudanças dos “grandes centros” – que vê na Filosofia da História a possibilidade de saber como se deve estudar História, a fim de trabalhar um conhecimento histórico útil.

Assim, o sentido do nosso trabalho centra-se na importância que deve ser concedida a uma formação simultaneamente multifacetada e aprofundada que possa habilitar os professores de competências básicas em estabelecer estreita relação e reflexão com desenvolvimento e evolução da epistemologia e sua prática pedagógica.

Referências Bibliográficas

- BARCA, Isabel (2000). *O pensamento histórico dos jovens*. Universidade do Minho. Braga – Portugal.
- BURKE, Peter (1992). *A escrita da História – novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista.
- CARR, Edward Hallet (1982). *Que é História? Tradução de Lúcia Maurício de Alverga*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- DRAY, W. (1964). *Filosofia da História*. Tradução: O.S. da Mota e L.Hegenberg. Rio de Janeiro: Zandar Editores.
- FERRO, M. (1983). *Des Annales à la Nouvelle Histoire*. In: Philosophie et Histoire. Paris: Centro Georges Pompidou.
- FINKIELKRAUT, Alain (1972). *A humanidade perdida*. Lisboa: Edições ASA.
- JENKINS, Keith (2001). *A História Repensada. Tradução Mario Vilela*. São Paulo: Contexto.
- REIS, José Carlos (2000). *Escola dos Annales – A inovação da História*. São Paulo: Paz e Terra.
- SCHAFF, Adam (1978). *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes.